

EDITORIAL

Prezados leitores,

É com enorme satisfação que apresento esta edição da revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental. Iniciamos com a interessante entrevista realizada por Camila Maffioletti Cavaler, doutoranda em Psicologia pela UFSC, com o Doutor Adriano Beiras, professor da mesma instituição e coordenador do núcleo de pesquisa Margens (Modos de Vida, Família e Relações de gênero). O Prof. Dr. Adriano Beiras é responsável, ao lado do pesquisador Alan Bronz, pela metodologia dos grupos reflexivos de gênero e pela cartilha do Instituto Noos (SP), que tem sido usada como base para a criação e condução de grupos de homens no Brasil. A entrevista aborda diferenças teóricas e metodológicas da condução dos grupos de homens autores de violência contra mulheres no Brasil e na Europa. Também discute a Lei n. 13.984/2020 que torna obrigatório o comparecimento de homens autores de violência a centros de educação e reabilitação. O Prof. Dr. Adriano Beiras também debate o mapeamento nacional dos grupos de homens autores de violência e as diretrizes mínimas a serem seguidas pelos profissionais que atuam nesse contexto.

O primeiro artigo desta edição realiza uma retomada histórica sobre a Reforma Psiquiátrica Brasileira a partir de relatórios de conferências, leis, decretos, portarias e normativas implantados pelo governo federal brasileiro para a construção de políticas públicas em saúde mental. O artigo de Dayane Degner Ribeiro e Annie Jeanninne Bisso Lacchini intitulado “Reforma Psiquiátrica Brasileira: dos seus antecedentes aos dias atuais” apresenta as inspirações, avanços e desafios da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Os autores alertam para possíveis retrocessos na atualidade realizados a partir desmontes da PNSM e PND, o incentivo à internação psiquiátrica, financiamento de CTs e abordagens proibicionistas em álcool e outras drogas.

As autoras Nataly Luana Gomes Silva e Carla Kalline Alves Cartaxo Freitas também demonstram a preocupação com algumas ações atuais em relação a atenção à saúde mental no artigo “Relato de Experiência: o Amor Mundi como Expressão do Cuidado em Saúde Mental”. As autoras, exemplificam esse receio através da nota técnica “Nova Saúde Mental” que indica o hospital psiquiátrico como estratégia no tratamento à Saúde Mental. Através do relato de uma experiência em um CAPS III, elas demonstram possibilidades de atuação nesse campo, a partir de lógicas não manicomiais, cuja **ênfase** está no respeito, na autonomia, na liberdade e nos vínculos que conectam as pessoas. As relações

entre equipe de saúde, familiares e usuários foram guiadas pelo cuidado e sentimento de pertença, pela disposição para a convivência e a preocupação com o outro. Segundo as autoras, esses processos evidenciam a presença do sentimento de *amor mundi* formulado por Hannah Arendt. Este conceito, juntamente com o de amizade e de responsabilidade, da mesma autora, são discutidos dando ênfase à importância das relações que acolhem as pluralidades, revelam o mundo como um lugar seguro para todos e fortalece os vínculos na sociedade, em resistência ao ódio ou medo que acaba por se desdobrar em atuações que visam o controle e aprisionamento.

No artigo “Olhares: reflexões sobre uma Experiência com Mulheres Moradoras de Residências Inclusivas” vemos mais um exemplo de possibilidades de atuações que buscam criar possibilidade de acolhimento das diversidades e a criação de linhas de fuga. As autoras Aline Maria de Sordi, Ana Paula Müller de Andrade e Fernanda Ribeiro Feola discutem a atuação da psicologia no âmbito da proteção social especial, por meio de uma experiência com mulheres moradoras de residências inclusivas e também com a equipe de trabalhadoras/es destas residências. As autoras demonstram que, através de intervenções fotográficas, foi possível a desterritorialização nos processos de desinstitucionalização, ampliação de inserção social, a produção subjetiva e de territórios existenciais dos participantes. Ao revisitar a visada da cidade e as conexões que estabeleciam com esta, através da fotografia, foi possível narrar o que escapava ao olhar, criando novas conexões e ocupar esses espaços de forma política. As autoras reafirmam através dessa experiência, e das reflexões decorrentes desta, o compromisso ético-político da psicologia em prol da superação dos processos de exclusão e estigmatização.

Ao pensarmos nesse compromisso, os autores Cely Carlyne Pontes Morcerf e Pedro Hernán Cabello Acero relembram a necessidade de discutirmos as temáticas relacionadas à Saúde Mental desde a formação. No artigo “Saúde Mental nas Escolas Médicas: Trabalhando com Percepções de Acadêmicos de Medicina”, os autores observam que os alunos sentem medo no primeiro contato com um paciente psiquiátrico, principalmente no início do curso. Além disso, sentem-se despreparados para realizar o atendimento. Os autores apontam falhas no referenciamento de pacientes para acompanhamento da psiquiatria, a presença de uma visão hospitalocêntrica da assistência de saúde mental e a carência de conhecimento sobre terapias integrativas. Demonstra-se a necessidade de ampliação do contato do estudante de medicina com a saúde mental, a partir do aumento da carga horária de disciplinas relacionadas a essa temática, buscando garantir uma maior humanização da assistência. Os autores finalizam o artigo apontando para a importância do amparo dos estudantes quando estes adoecem.

O cuidado à Saúde Mental do estudante de graduação também abordado no artigo “Saúde Mental e Desempenho Acadêmico: um Estudo com Estudantes de Psicologia”, de Kaio Novaes Fonseca Melo e Cattiúscia Batista Bromochenkel. O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de campo com 52 discentes. Os autores apontam que os alunos vinculam o desenvolvimento de sofrimento mental à graduação, porém, também demonstram que o fato de possuírem ou não algum tipo de adoecimento psíquico não afeta seu desempenho acadêmico. A maioria da amostra foi constituída por mulheres, prevalecendo diagnósticos de transtornos ansiosos e depressivos e os psicofármacos mais utilizados foram os indicados para esses transtornos. Evidenciou-se ainda, que mais da metade dos alunos já fizeram ou ainda fazem acompanhamento psiquiátrico ou psicológico. O artigo demonstra a importância da investigação de fatores de saúde mental que podem interferir no desempenho acadêmico dos estudantes, possibilitando, assim, uma compreensão mais ampliada desse contexto, que auxilie na formulação de intervenções para atender às necessidades desta população.

Em vistas a enfatizar a importância de programas preventivos à Saúde Mental, Guilherme Delavald e Liciane Diehl apresentam uma pesquisa relacionada aos profissionais que trabalham na vigilância sanitária, no artigo “Riscos Psicossociais de um Contexto Laboral da Vigilância Sanitária: Estudo Qualitativo”. A pesquisa explicita que apesar de os servidores não terem escolhido atuar no setor de Vigilância Sanitária, encontram sentido em seu trabalho, sentem-se realizados, especialmente porque entendem que há pessoas que dependem dos resultados de sua atuação. Os riscos psicossociais identificados estão relacionados ao excesso de burocracia, deficiência dos equipamentos e dos sistemas informatizados, que interferem no ritmo de trabalho, retardam seu resultado e geram insatisfação. Os profissionais também sofrem de uma sobrecarga laboral, sentem-se angustiados e desvalorizados. Outros riscos se referem a autonomia limitada em virtude da legislação que precisa ser seguida à risca e a interferência política. Os autores pontuam a importância da adoção de medidas preventivas precoces em relação ao risco psicossocial, podendo haver uma redução dos custos econômicos e sociais.

Os autores Maria Rita Dalledone, Natalia Michels e Allan Mohr discutem no artigo “Psicanálise, plantão psicológico e a atuação em âmbito educacional” a possibilidade de atuação profissional pelo exercício da psicanálise no contexto do plantão psicológico. A partir de argumentos teóricos fundamentados em Freud e Lacan, os autores sustentam que a análise é realizada a partir do que o analista faz através do método psicanalítico, sem que seja necessário seguir à risca suas técnicas; argumentam também que o plantão pode ser equiparado às entrevistas preliminares quando possibilita a elaboração de um diagnóstico diferencial e de uma proposta terapêutica. Os autores demonstram

através da experiência com o atendimento de plantão psicológico, a partir da psicanálise, em uma Instituição de Ensino Superior, efeitos terapêuticos importantes. Apontam que esse processo tem facilitado a organização da vida acadêmica de alguns estudantes atendidos, e, por vezes, incitam o início da análise pessoal em outros ambientes. Resultados estes que reafirmam a importância do espaço de escuta qualificada do plantão psicológico e a possibilidade da psicanálise se apropriar dessa modalidade a partir de seu arcabouço teórico, técnico e metodológico.

Esta edição é finalizada com o artigo “Aspectos da funcionalidade psicológica em crianças e adolescentes com sobrepeso e obesidade”, de Fernando Oliveira Pereira, um estudo quantitativo de tipo quasi-experimental com 50 crianças e adolescentes com diagnóstico de sobrepeso e outros 50 do grupo controle. O autor aponta que as crianças e adolescentes com sobrepeso e obesidade apresentam maior obsessão pelo emagrecimento, bulimia e insatisfação corporal, e, simultaneamente, impulso para a ingestão alimentar excessiva. O que, segundo o autor, confirma a perturbação do comportamento alimentar. O estudo demonstra que a funcionalidade psíquica dessa população é caracterizada por sentimentos de ineficácia, consciência interoceptiva insuficiente e menor receio da maturidade, demonstrando tendências para sentimentos de inadequação e insegurança relativas ao controle de comportamentos alimentares.

Desejo uma ótima leitura.

Mariana Cardoso Puchivailo
Editora